

“Antes que seja tarde”

Bandeira Tribuzi

I

Possa eu olhar, de novo ainda, a forma
gêmea, (mas desigual) da masculina,
de sorver a maçã da vida viva
dêem-me os deuses temporã a sina.

II

Sei que sou transitório e transitório
é tudo (dor, manhã, noite, alegria)
que pasto em ser: só não é ilusório
este sinal humano que me guia.

III

Mas quero alheio a vã melancolia
ou o insosso descomprometimento
que faz do Homem o não-homem e a
forma inútil lhe dá do catavento.

IV

Não adivinho até quando amanhã
possa beber em taça, como um vinho
e as dádivas da terra — minha irmã —
me encham a carne de gosto e carinho.

V

Nem ser inútil a peleja
que d. quixote do humano, travo:
bem possa amar o olhar que nunca a veja
mas será nesse olhar que a vida cravo...

VI

Possa, porém, viver o que me resta
com a tranquila paz daquela fonte
que se perde nos longes do horizonte
e se esconde nas lindes da floresta.

VII

Ninguém a sabe mais de sua água
é que se acresce o rio a ser oceano:
longe da festa sou longe do engano
e, à sua música danço minha mágoa.

VIII

Dê-me deus mais, antes da paz que, um dia,
ganharei — saldo de humana transação —
o poder de escrever, como deva
ao menos uma rima de canção.

IX

Para falar de amor àquela amada
que está tão alta como uma invenção
e há de chorar sorrindo a essa canção
que lhe desvende a rima irrelvelada.

X

E que mais pedirei? Possam meus filhos
ser tudo que sonhei para não ver;
sejam minhas veredas seus caminhos
e minhas noites seu amanhecer.

XI

Depois se me abrir aquela porta
que transposta me leva a uma outra infância,
ao sonho (sem manhã) que não acorda:
já vejo amigos poucos na distância.

XII

marchando junto à sombra do que eu era,
a semearam sobre meu corpo inútil
as rosas coloridas de quimera,
da memória, do amor — coisa inconsútil.

XIII

Amigo — vos direi — me perdoai
por vos perder e a tudo que é terreno
e bom. Nada me resta e se as rosas me dais
vos pagarei com a rosa do silêncio...
Que ninguém chore: “não há noite, além”
E só vos resta responder: “Amém!”